

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Tradução:ALICE IRENE HIRSCHBERG

Análise de conteúdo⁶ é um método de estudo e análise de comunicados de modo sistemático, objetivo e quantitativo, visando medir variáveis.⁷ Não se tem feito análise de conteúdo visando a mensuração de variáveis, como tal, porém. Ao invés, ela tem sido usada na determinação da ênfase relativa, ou frequência, de vários fenômenos de comunicação: propaganda, tendências, estilos, modificações de conteúdo, legibilidade. Neste capítulo, estabeleceremos a análise de conteúdo como um método de observação e mensuração.

Mas, a análise de conteúdo, além de método de análise, de fato é algo mais. Como já indicamos acima, trata-se de um método de observação. Ao invés de observar diretamente o comportamento dos indivíduos, ou pedir-lhes que respondam a escalas, ou entrevistá-los, o investigador utiliza as comunicações produzidas por estes indivíduos e faz indagações acerca destas comunicações. Existe uma lógica e uma economia nesta maneira de se encarar a análise de conteúdo. De fato, tiramo-la de uma categoria puramente metodológica ou analítica e a colocamos na mesma categoria, das entrevistas, escalas e outros métodos de observação. Desta forma, damos-nos conta que não fazemos nada essencialmente diferente em relação às atividades anteriores de observação: observamos e medimos variáveis.

-
6. A discussão que segue baseia-se no excelente tratamento dado por Berelson in B.Berelson, "Content Analysis", in G.Lindzey, ed. Handbook of Social Psychology, vol. I. Cambridge, Mass.: Addison - Wesley, 1954, cap. 13. Trata-se de uma versão condensada da obra: B.Berelson, Content Analysis in Communication Research. New York: Free Press, 1952.
 7. Berelson, "Content Analysis", op.cit., pág.489. Embora influenciada por Berelson, nossa definição se afasta consideravelmente dela.

ALGUNS EXEMPLOS DA APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO À PESQUISA.

A maioria das análises de conteúdo é mais simples que as abaixo sumariadas. É provável que a utilização da análise de conteúdo será mais complexa no futuro, pois será provavelmente empregada cada vez mais no teste de teorias e hipóteses.

Estudo de Seriados Radiofônicos, (Rádio-novelas). Em suas formas mais simples, a análise de conteúdo faz-se através do estabelecimento de categorias de conteúdo manifesto, fazendo-se uma contagem de frequência de sua ocorrência. O melhor exemplo encontra-se no estudo que Arnheim realizou do seriado radiofônico diário.⁸ Arnheim procurou respostas a indagações genéricas acerca das novelas: oferecem alimento mental saudável? Que tipo de vida social representam? Que atitudes transmitem? Estudos desta natureza são basicamente descritivos, isto é, descrevem a natureza e a condição de dado fenômeno, sem testar relações entre variáveis. Arnheim selecionou aleatoriamente 48 novelas dentre aquelas programadas para o horário entre 8 e 18 horas, durante um período de tres semanas. Cada observador acompanhou uma novela durante este período. A análise consistiu na contagem do número de novelas e quadros pertencentes a categorias tais como: local em que se desenvolve a novela, status social dos principais personagens, tipos de problemas (casamento, de ordem profissional, crime, enfermidade, etc.), avaliação moral, etc. A partir das frequências relativas obtidas, Arnheim concluiu, por exemplo, que as novelas prendem tanto a mulher norte-americana porque satisfazem suas necessidades psicológicas.

A análise de conteúdo, tal como realizada neste exemplo, é uma questão simples, embora trabalhosa. O principal problema está em se estabelecer um sistema manipulável de categorias. A seguir,

8. R. Arnheim, "The World of Daytime Serial". In P. Lazarsfeld e F. Stanton, eds., Radio Research 1942-43. New York: Duell, Sloan & Pearce, 1944, págs. 34-85.

codificadores treinados atribuem personagens e ações às diversas categorias. Os resultados são apresentados sob a forma de frequências ou porcentagens. Não existe a tentativa de relacionar variáveis. A análise da propaganda segue esta fórmula simples: As mensagens do propagandista - seja uma nação estrangeira, a imprensa, o rádio, a televisão - são categorizadas e contadas quanto a propósito, apelo, efeito, recursos, etc.

Estudo de Kounin e Gump.⁹ Um dos poucos estudos na área educacional a utilizar a análise de conteúdo é o interessante e importante estudo realizado por Kounin e Gump sobre os efeitos da ação de professores punitivos e não-punitivos sobre as percepções infantís da má conduta. Selecionaram-se três pares de professores punitivos e não-punitivos de três escolas, segundo o critério do acordo entre os avaliadores. Outras diferenças foram controladas. A seguir, entrevistaram-se os 174 alunos de 1a.série destes seis professores. As entrevistas e a codificação de conteúdo estruturaram-se em torno da questão: "O que é a pior coisa que uma criança pode fazer na escola?" Depois que a criança respondesse, perguntavam: "Porque isto é tão ruim?".

O conteúdo das respostas às questões foi analisado segundo um código relativamente complexo, que consistiu de cinco categorias principais com subcategorias cada qual, exceto uma. Na Tabela 30.1 apresentamos uma versão simplificada da tabela sintética de resultados de Kounin e Gump.¹⁰ Apresenta três das principais categorias com cinco das subcategorias. Os itens particulares, selecionados, exemplificam ao mesmo tempo o sistema de categorias e os resultados do estudo. Ficam bem demonstradas as relações entre o grau de punitividade do professor e a percepção da má conduta.

9. J.Kounin e P.Gump, "The Comparative Influenci of Punitive and Non-Punitive Teachers upon Children's Concepts of School Misconduct", Journal of Educational Psychology, LII(1961), 44-49.

10. Ibid., pág. 47.

Tabela 30.1. Alguns resultados do estudo^a

Má conduta e Explicações	% Pu	% NPu
I. Conteúdo e qualidade da má conduta		
A. Agressão física aos outros	38	17
D. Má conduta abstrata	27	52
II. Conteúdo e qualidade das explicações		
C. Dano grave a outros	45	18
D. Recompensas centradas na realidade	21	48
V. Preocupação com objetivos escolares únicos		
A. Aprendizagem e perda de realização	20	43

^a Pu: crianças com professores punitivos; NPu: crianças com professores não punitivos. N = 174. Todas as diferenças são significativas ao nível de 0,05 ou mais.

Este estudo representa um bom exemplo do uso da análise de conteúdo para testar hipóteses de pesquisa. A primeira das quatro hipóteses, por exemplo, afirmava que as preocupações de má conduta na escola de crianças com professores punitivos conteriam maior dose de agressividade do que aquelas de crianças cujos professores fossem não-punitivos. Um exame da Tabela 30.1 demonstra que tal hipótese foi confirmada. O estudo também constitui um bom exemplo de seleção de método para se adequar a finalidades de pesquisa. Kounin e Gump partiram do suposto de que as crianças não forneceriam as mesmas respostas a perguntas de entrevista que dariam a questões de escolha-forçada. Ademais, eles precisavam conhecer quais as más condutas com as quais as crianças se preocupavam. As entrevistas e as análises de conteúdo seguiram-se a partir deste raciocínio.

Análise de Conteúdo de Livros Escolares Infantís.¹¹ Com frequência, tem-se estudado e analisado livros escolares infantís nos últimos

11. I. Child, E. Potter e E. Levine, "Children's Textbooks and Personality Development: an Exploration in the Social Psychology of Education," Psychological Monographs, LIX (1960), No. 3.

cem anos. Mas, só recentemente aplicou-se a análise de conteúdo a essa tarefa. Análises anteriores eram de tipos qualitativos e relativamente não-objetivos. Há alguns anos, o autor coletou um grande número de enunciados morais japoneses (Shushin) e os "analisou".¹² Essa análise consistiu em cuidadosa leitura de pensamentos, selecionados segundo um critério moralista (no sentido japonês). A partir desta abordagem, relativamente impressionista e certamente subjetiva, o autor tirou suas conclusões. Vejamos, agora, uma abordagem mais objetiva aos livros escolares infantís.

Child e seus colaboradores efetuaram uma análise de livros escolares de 3a. série, segundo um critério de um conteúdo que presumivelmente influenciasse as personalidades das crianças. Tratou-se de estudo descritivo. Não foram testadas relações levantadas ao nível de hipóteses, embora o teste de hipóteses estivesse implícito. Aqui, nos interessa apenas o método empregado.

Inicialmente, os autores reuniram todos os livros de leitura de 3a. série, publicados desde 1930. Totalizaram 30. Em segundo lugar, selecionaram as histórias como base no conteúdo de personagens em ação. Desta forma, analisaram mais de três-terços do conteúdo dos 30 livros, num total de 914 histórias. Em terceiro lugar, a unidade utilizada para análise foi o tema. Um tema é uma sequência de acontecimentos consistindo numa situação com a qual alguém se defronta, seu comportamento de resposta, e as consequências deste comportamento, tal como percebidos pela própria pessoa. Havia 3409 temas, uma média de 4 por história.

Em quarto lugar, estabeleceu-se um sistema de categorias. O esquema geral incluiu os personagens, o comportamento, as circunstâncias, as consequências e o tipo de história. Estas categorias gerais foram subdivididas, segundo uma forma complexa, em subcategorias. Por exemplo, comportamento ficou dividido numa série de necessidades. Consequências do comportamento foi subdividida em recompensa, punição e nehuma consequência.

12. F. Kerlinger, "The Modern Origins of Morals Instruction in Japan", History of Education Journal, II (1951), 119-126.

Finalmente, fez-se a leitura de todas as histórias e, onde coube, identificaram-se todos os temas adequados ao sistema de análise previamente definido; a seguir, estes foram contados e anotados nas categorias e subcategorias adequadas. A seguir, interpretaram-se os resultados.

Este estudo, embora em nível científico inferior ao de Kounin e Gump, indica um rumo para o estudo científico significativo de material que, anteriormente, esteve apenas acessível a um estudo crítico relativamente subjetivo. Provavelmente, a metodologia é demasiado complexa para ser tão útil quanto deveria (houve uma sobrecarga devido ao sistema de necessidades que foi empregado). Não obstante, aplicar um sistema quantitativo altamente objetivo e simples a um campo extremamente importante constituído pelos materiais educacionais de crianças certamente abre áreas amplas e significativas à pesquisa.

ALGUNS ASPECTOS DO MÉTODO NA ANÁLISE DE CONTEÚDO:

Como vimos, a análise de conteúdo pode ser aplicada a materiais disponíveis e a materiais especialmente produzidos para o objetivo particular da investigação. Podemos analisar o conteúdo de cartas, diários, materiais etnográficos, artigos de jornal, minutas de reuniões, etc. Podemos também pedir às crianças que escrevam autobiografias, histórias, pequenos ensaios. Tais produtos podem então ser analisados pelo seu conteúdo. As possibilidades são muitas. Mas, como se realiza a análise de conteúdo? Damos, a seguir, uma breve introdução ao assunto. O estudioso que pretender utilizar a análise de conteúdo em suas investigações, porém, deverá consultar a obra de Berelson, anteriormente citada.

Definição e Categorização do Universo. O primeiro passo, como sempre, é definir U, o universo de conteúdo a ser analisado. O U de Kounin e Gump compreendeu todas as respostas a questão sobre má conduta, ou simplesmente, quebras do bom comportamento, tal como percebidas pelas crianças. Após, U foi subdividido em cinco categorias principais e um certo número de subcategorias. (Vide Tabela 30.1.).

No estudo dos livros escolares das crianças, anteriormente condensado, U constituiu-se de todos os temas num subconjunto especificado de livros de leitura de terceira série. Essas categorias eram personagem, comportamento, circunstâncias, consequências e tipo de história. Também se especificaram um grande número de subcategorias.

Categorizar, ou subdividir U, talvez se constitua na etapa mais importante da análise de conteúdo. Essa importância deriva de ser reflexo direto da teoria e do problema de qualquer estudo. Evidencia, de fato, as variáveis contidas nas hipóteses. Uma das principais hipóteses de Kounin e Gump era de que a punitividade do professor se relacionava com a percepção de má conduta da criança. A variável dependente, percepção de má conduta pela criança, era U. Para testar a hipótese básica, porém, foi preciso subdividir U em tipos de má conduta a fim de que a punitividade do professor pudesse ser relacionada. Volte à Tabela 30.1 e note algumas categorias de U (a parte verbal da tabela) e como essas categorias estão justapostas às categorias punitivo e não-punitivo. Por exemplo, as subcategorias "Dano grave a outros" e "Recompensas centradas na realidade" estão justapostas a " % Pu " e " % NPU ". (Estudaremos essa justaposição, ou tabulação cruzada, em capítulo posterior.) Muito raciocínio, trabalho e cuidado estão contidos nesta primeira etapa.

Unidades de Análise. Berelson arrola cinco unidades principais de análise: palavras, temas, personagens, itens e medidas-de-tempo-e-espaço"¹³. A menor unidade é a palavra. Embora seja improvável que seja muito usada, será útil para alguns estudos de pesquisa educacional. O investigador poderá estudar palavras valorativas ao redigir para estudantes secundários. Por alguma razão, talvez queira conhecer a relação entre sexo ou preferência política dos pais, ou sua religião, de um lado, e o uso de palavras valorativas de outro. A unidade palavra também é útil nos estudos de leitura por

13. Berelson, op. cit., págs. 508-509.

por se tratar de unidade de fácil estudo. U geralmente pode ser definido e categorizado com clareza, por exemplo: palavras valorativas vs. palavras não valorativas; palavras difíceis, médias e fáceis. A seguir, basta contar as palavras - cansativo, mas fácil.

O tema é uma unidade muito útil embora bem mais difícil.

Frequentemente, tema é uma sentença, uma proposição acerca de algo. Os temas se combinam em conjuntos de temas. As cartas de adolescentes ou estudantes de colégio podem ser objeto de estudo focalizado na busca de afirmações de auto-referência. Este seria, então, o tema mais amplo. Os temas que comporiam seriam definidos por qualquer sentença que principiasse ou utilizasse "Eu", "meu" e outras palavras indicando referência à pessoa do autor.

Disciplina é um tema mais amplo bem interessante. Controle ou criação de filhos seria outro. Muitos observadores fazem anotações de campo, sob a forma temática. Eis um exemplo de anotações de campo de um observador, numa pequena aldeia do Japão:

Treino para alimentação:... nesta família, utilizam-se exortações - mas varia. Os pais eliminam da dieta da criança o que a desagradava (se a criança fizer muita cena a respeito).¹⁴ O primeiro filho do informante era alimentado cada vez que chorasse e o segundo filho começou no mesmo sistema; mas, logo depois, o informante alimentou a criança no horário...¹⁵

Deve-se acentuar, como o faz Berelson, que se os temas forem complexos, a análise de conteúdo que emprega o tema como unidade de análise torna-se difícil, quiçás carente de confiabilidade.¹⁶ Não obstante, trata-se de unidade importante e útil porque, geralmente, é realística e está próxima do conteúdo original.

14. Centro de Estudos Japoneses, Universidade de Michigan, Estação de Campo de Okayama, 863, Niike, Agosto 25, 1950(GB). ("863" significa o número de campo de Yale, Niike a aldeia japonesa, "GB" o observador.

15. CFJS., UM, OFS, 853, Takashima, 18 Dez. 1950 (MFN).

16. Berelson, op. cit., pág. 508.

Medidas de personagens e tempo-e-espaco provavelmente têm menor utilidade na pesquisa educacional. A primeira, simplesmente, representa um indivíduo numa peça literária. Poder-se-ia empregá-la na análise de histórias infantís. A segunda representa a medida física real do conteúdo: centímetros de espaço, número de páginas, número de parágrafos, número de minutos de discussão, etc.

Tal como o tema, a unidade de item é importante. O item representa uma produção acabada: um ensaio, um relato noticioso, uma palestra no rádio, um programa de televisão, uma dissertação em aula, uma discussão, etc. No capítulo anterior, examinamos o uso feito por Getzel e Jackson de autobiografias como medida de criatividade. A unidade era o item, a autobiografia inteira. Cada autobiografia foi submetida a apreciação quanto a ser "criativa" ou "não-criativa". Podemos pedir a crianças que redijam histórias projetivas, em resposta a um quadro. A história toda da criança será, então, o item de análise. Treinamos juízes para usar uma escala de avaliação a fim de avaliar a criatividade das histórias. Ou treinamos juízes para atribuir cada história a uma categoria "criativa" ou "não-criativa".

É provável que o item como unidade de análise será particularmente útil na pesquisa de comportamento. Enquanto pudermos definir critérios pertinentes para categorizar uma variável e enquanto os nossos juízes estiverem substancialmente de acordo quanto a suas avaliações, divisões ou seleções, a unidade item será útil. Mas, são necessárias cuidadosas verificações para manter a fidedignidade e a validade. Juízes podem divagar quanto aos critérios, podem perder-se na massa de dados de leitura que precisam fazer. Todavia, é surpreendente o grau de acordo que se pode alcançar, mesmo com materiais relativamente complexos. O autor é um estudante que o assistia, submeteram trabalhos de estudantes à análise de conteúdo, visando medir atitudes frente a educação. Os itens, isto é, os trabalhos como um todo, foram as unidades. O coeficiente de acordo (r) foi cerca de 0,60. Embora não muito elevado, tal coeficiente é prometedor. Ao julgar a criatividade de trabalhos escolares, professores-juízes no sistema escolar público de

Jartsdale, Nova York, alcançaram coeficientes de acordo da ordem de 0,70 ou 0,80. Mais uma vez, também aqui os trabalhos como um todo constituíram as unidades.

Quantificação. Potencialmente, todos os materiais são quantificáveis. Podemos, até, ao menos, classificar os sonetos de Shakespeare ou as últimas cinco sonatas para piano de Beethoven segundo nossa ordem pessoal de preferência. É claro que há materiais mais possíveis de quantificação que outros. Afinal, é muito mais fácil atribuir números a crianças em correspondência a sua capacidade de soletrar que atribuir números ao pensamento original, ou criatividade, dessas mesmas crianças. Isto não significa, porém, que não se possa atribuir qualquer número, legitimamente, aos produtos das variáveis originalidade e criatividade na criança. Não é fácil, mas pode-se fazê-lo. Quão bem, é outra questão.

Há três ou mais maneiras de atribuir números a objetos de análise de conteúdo U. A primeira, e mais comum, corresponde a uma medida nominal: contar o número de objetos em cada categoria depois de distribuí-los apropriadamente. Se estamos lendo relatórios de observadores de campo e topamos com a passagem "... Os nenês mamam no peito até os dois anos de idade e após são gradualmente desmamados para arroz e mingau"¹⁷. Poderíamos atribuir o tema à categoria "Permissivo" ou à categoria "Desmame tardio". A seguir, examinando todos os apontamentos do observador, atribuímos passagens similares a essas categorias. Quantificar seria, então, contar o número de vezes que os temas aparecem em cada categoria.

Uma segunda maneira de quantificar consiste em classificar, dar uma medida ordinal. Se o número de objetos com que trabalhamos não for muito grande - digamos, não mais de 30 - podemos pedir aos juízes que os classifiquem segundo um critério especificado. Suponha que as relações entre religiosidade e outras variáveis sejam objeto de estudos, e que se instruem os sujeitos para redigir algo sobre o tema "Em que eu Creio". Podemos pedir aos juízes que classifiquem os ensaios quanto aos graus de crença religiosa. Se tivermos muitas

17. CFJS, UM, OFS, 853, Niike, 25 de agosto de 1950.

redações, ainda assim é possível classificá-las, mas segundo um sistema mais manipulável ao invés da classificação total, empregando, por exemplo, 10 ou 11 classes e pedindo aos juizes que atribuam as redações àquelas classes, à maneira da escala de Thurstone.

Uma terceira maneira de quantificação é a avaliação. Por exemplo, podemos avaliar composições infantís como um todo quanto a graus de criatividade, originalidade, direção a ego ou ao outro, orientação de realização, interesses, valores, e outras variáveis. Discutimos escalas de avaliação no Capítulo 28. Sua aplicação na análise de conteúdo dispensa mais argumentos.

Há certas condições que devem ser preenchidas antes que se justifique, ou valha a pena, quantificar. Berelson estabeleceu tais condições¹⁸. Devemos notar duas dentre suas sete condições: (1) contar cuidadosamente (ou quantificar de outro modo) quando os materiais a serem analisadas são representativas, e (2) contar cuidadosamente quando os itens da categoria aparecem nos materiais em volume suficiente a justificar contagem (ou outra forma de quantificação). O motivo para ambas as condições é obvio: se os materiais não forem representativos ou os itens de categoria relativamente escassos, será indevido generalizar a partir de estatísticas delas computadas.

A resposta a estas duas (e outras mais) condições, pois, é selecionar materiais ou estimular a produção de materiais cuja quantificação seja possível e necessária. Se os materiais não preencherem esses critérios, só poderão ser usados para fins heurísticos e de sugestões e não para a finalidade científica de relacionar variáveis.

EMPREGO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO E MATERIAIS DISPONÍVEIS NA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA E EDUCACIONAL.

Numa nova abordagem a um velho assunto, recomenda-se particularmente o emprego de exemplos ao invés de explicações. Assim, não faremos uma discussão abstrata, mas faremos recomendações

18. Berelson, op.cit., págs.512-514

para usos da análise de conteúdo e dos materiais disponíveis. Nossas sugestões aplicar-se-ão mais adequadamente a análise de conteúdo, embora não ignoraremos os materiais disponíveis.

Através da análise de conteúdo podemos medir um grande número e variedade de variáveis psicológicas: necessidades, valores, atitudes, estereótipos, autoritarismo, etnocentrismo, criatividade, etc. Todavia, a análise de conteúdo somente se recomenda quando outros métodos para medir as mesmas variáveis são impróprios ou impossíveis. Se estivéssemos estudando o etnocentrismo, por exemplo, em associações de veteranos, poderíamos encontrar resistência a aplicação de uma escala de atitudes. Mas, os membros da associação provavelmente não objetariam a ser entrevistados. Ademais, protocolos de entrevista podem ser objeto de análise de conteúdo. (Podemos incluir no esquema de entrevista questões adequadas de tipo projetivo visando provocar respostas etnocêntricas).

A educação tem padecido de falta de análise da informação educacional que as pessoas absorvem a partir de jornais e outros meios de comunicação de massa. Podemos propor a análise de conteúdo de artigos de informação educacional, editoriais e páginas especiais. (Já mencionamos anteriormente este emprego).

O estudo dos valores através dos métodos comuns de mensuração é difícil porque a desejabilidade social e a aquiescência social desempenham papel muito importante na mensuração. Mas, podemos instruir os sujeitos, especialmente as crianças, a produzir materiais verbais sobre tópicos específicos e submeter tais materiais a análise de conteúdo visando valores expressos.¹⁹ É uma área de pesquisa singularmente negligenciada. Talvez se encontre a razão no fato de, normalmente, aceitarmos os valores como dados. De qualquer maneira, eis uma ampla área não sondada, pronta para ser pesquisada e onde a análise de conteúdo pode vir a desempenhar importante papel.

Em alguns experimentos educacionais pode ser possível usar a análise de conteúdo para avaliar os efeitos de tratamentos experimentais sobre variáveis dependentes. Por exemplo, será

possível estimular a criatividade dos escolares? Em que medida, redação ajuda os estudantes em seus exercícios de escrita? A análise de conteúdo pode ajudar a obter respostas a tais questões.

A análise de conteúdo pode ser usada para validar outros métodos de observação e mensuração. Uma escala de medidas, digamos, de atitudes frente aos judeus, é difícil de validar porque há poucos critérios externos em relação aos quais verificá-la. A maioria das pessoas, ademais, sabe que não deveria ser anti-semita. Desta forma, darão razões que podem muito bem não ser verdadeiros índices de suas reais atitudes. Mas é possível colocar questões de tipo projetivo aos sujeitos e as respostas sofrerem análise de conteúdo quanto a

-
19. Para uma sugestão para análise de conteúdo de valores, vide R. White, Value - Analysis: The Nature and Use of the Method, Society for the Psychological Study of Social Issues, 1951. Alguns tópicos no método de White são excelentes; outros, menos desejáveis. Embora haja abordado a maioria dos valores do homem, seu sistema é, fundamentalmente, apriorístico. Ademais, é extremamente complicado, embora sugira que possa ser reduzido para finalidades específicas (p. 69). É claro que ainda falta muita pesquisa acerca de valores, sua mensuração e suas interrelações. Na medida em que alcança o papel da análise de conteúdo em investigações sobre valores, o leitor aproveitará muito do provocativo estudo de Charms e Moellers acerca de valores e motivos expressos em livros de leitura infantil nos últimos 150 anos: R. de Charms e G. Moeller, "Values Expressed in American Children's Readers: 1800-1950", Journal of Abnormal and Social Psychology, LXIV(1962), 136-142. Estes autores entre outras hipóteses testaram aquela de que a motivação de realização está relacionada com a inventividade, tal como expressa pelo número de patentes emitidas. O coeficiente de correlação entre essas variáveis foi de 0,79 numa amostra de livros de leitura e 0,68 numa amostra de verificação. Os autores também extrairam duas amostras inteiramente independentes e diferentes de seus materiais. Os resultados são uma demonstração notável do poder da amostragem.

atitude frente aos judeus. Não é fácil esconder anti-semitismo quando se deve escrever um artigo curto sobre judeus.

Os materiais disponíveis e os materiais criados sob encomenda possuem extremo valor, frequentemente esquecido: são fontes de itens para testes e escalas objetivas e roteiros de entrevistas. Se estamos elaborando uma escala para medir valores educacionais, por exemplo, há à disposição recursos vastos para a construção dos itens: editoriais da imprensa sobre educação, artigos de revista, propaganda organizacional e institucional (por exemplo, literatura sobre educação e sobre grupos educacionais de pressão das associações eclesiásticas ou voluntárias), livros sobre educação (especialmente, filosofia da educação), discursos de personalidades conhecidas. Uma das principais dificuldades para o investigador consiste em estabelecer o rumo em meio a uma selva de pios sentimentos, até chegar ao cerne das questões valorativas. Embora não pareça ter sido assim usada, a análise de conteúdo pode ser trabalhada na análise de tais materiais.

Outros usos, naturalmente, sugerir-se-ão automaticamente. Por exemplo, pensamento irracional e ilógico acerca de questões educativas e questões relacionadas à educação - financiamento de escolas pela emissão de bonus a taxas de juros substanciais, manifestações religiosas em escolas públicas, ônibus escolar, orçamento escolar, salário de professor, alterações de currículo - todos podem ser objeto de análise de conteúdo. De fato, a análise de conteúdo parece ser o único método de análise para materiais como estes.

A análise de conteúdo e os materiais disponíveis, porém, não devem ser empregados indiscriminadamente. A análise de conteúdo é trabalhosa, demanda tempo, é dispendiosa. Deveria ser usada quando a natureza do problema de pesquisa o exige, tão somente. Não deveria ser usada quando um método mais simples está disponível e é adequado. Embora possa ser usado para medir motivação de realização, não pode ser usado para medir realização (talvez, com exceção da composição escrita). Embora possa ser usada para medir atitudes, geralmente para tal existem formas melhores e mais fáceis.

Igualmente quanto aos materiais disponíveis. Se podemos selecionar, deliberadamente, a amostra, produzir seus próprios materiais, tanto melhor. Frequentemente, porém, assim não é. Então, usemos os materiais a mão.

Para concluir, então, é preciso ter julgamento, discernimento, ponderação para decidir se o problema requer ou se beneficia dos materiais disponíveis e da análise de conteúdo. Tal como o diz Berelson, no final de sua excelente apresentação da análise de conteúdo:

" A não ser que exista uma noção sensata, inteligente, ponderada, reveladora, inusitada ou importante subjacente à análise, não vale a pena passar pelo rigor de seus procedimentos, em especial quando o esforço é tão árduo e custoso." ²⁰

20. Berelson, op.cit., pág.518